

A ABORDAGEM CONTEXTUAL EM ARQUIVOS PESSOAIS: O CASO DO FUNDO GUITA MINDLIN

José Victor das Neves¹

Laiza Gomes de Souza²

Pedro José de Carvalho Neto³

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar o processo de descrição fundo de Guita Mindlin, pertencente ao acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, da Universidade de São Paulo. O fundo é constituído principalmente por documentos relativos ao envolvimento de sua titular com o mundo da conservação e do restauro de livros e documentos, profissão que exerceu a partir da década de 1970. Grande parte dos documentos também diz respeito aos cargos que Guita ocupou na Associação Brasileira de Encadernação e Restauro (ABER). A descrição dos documentos foi realizada de acordo com a chamada abordagem contextual de arquivos pessoais, que possibilitou a criação de uma cronologia da vida da titular do fundo, em que se buscou relacionar os documentos às atividades e eventos dos quais se originaram. Nesse processo, procurou-se desenvolver um instrumento de pesquisa, de modo a proporcionar o acesso ao fundo, de grande interesse para o estudo da história da conservação e do restauro de livros e documentos no Brasil.

Palavras-chave: Arquivos pessoais. Descrição arquivística. Abordagem contextual.

THE CONTEXTUAL APPROACH TO PERSONAL ARCHIVES: THE CASE OF GUITA MINDLIN FONDS

Abstract: This research aims to introduce the description of Guita Mindlin fonds, which belongs to Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, at University of São Paulo. The archives is constituted mainly by documents about the involvement of the owner with books and documents conservation and restoration, a profession that Guita practiced since 1970. Mostly of the documents are about the positions Guita occupied at Associação Brasileira de Encadernação e Restauro (ABER). The description of the documents was made according to the contextual approach to personal archives, that enabled the creation of a cronology, looking for how the documents could be related to the activities and events of Guita's life. In this process, a research instrument was developed to provide access to the archive, interesting to the study of the history of conservation and restoration of books and documents in Brazil.

Key words: Personal archives. Archival description. Contextual approach.

¹ Graduado em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e mestrando em História Econômica pela mesma instituição. Contato: josevictor.7@usp.br

² Graduanda em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Contato: laiza.souza@usp.br

³ Graduando em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Contato: pedro.jose.neto@usp.br

1 POR UMA ABORDAGEM CONTEXTUAL DOS ARQUIVOS PESSOAIS

Durante muito tempo, os arquivos pessoais foram considerados como algo à margem da teoria arquivística, talvez por conta de suas especificidades, uma vez que, diferentemente dos arquivos institucionais, os documentos que os compõem se apresentam em grande variedade de formatos e suportes.

Na bibliografia, os arquivos pessoais são frequentemente desconsiderados: por exemplo, o “manual dos holandeses”, de 1898, marco teórico da Arquivologia, caracteriza estes arquivos como conjuntos formados por documentos produzidos por um órgão administrativo ou por seus funcionários (MULLER; FEITH; FRUIN, 1973, p.13).

Como aponta José Francisco Guelfi Campos (2014, p.28), Eugênio Casanova, em 1928, foi o primeiro a reconhecer os conjuntos de documentos produzidos por indivíduos como arquivos de igual condição àqueles produzidos por órgãos administrativos. Entretanto, mesmo posteriormente, autores que deram base à arquivística moderna, como Hilary Jenkinson e Theodore Roosevelt Schellenberg, ignoraram os arquivos pessoais ou consideraram como coleções e não arquivos propriamente ditos (CAMPOS, 2011, p.2). Assim, a literatura sobre o tema é irregular e mostra necessária a afirmação redundante de Ana Maria de Almeida Camargo (2009): arquivos pessoais são arquivos.

Ainda com Camargo, vale ressaltar a questão da terminologia: a autora aponta que a expressão mais adequada para se referir a tais fundos seria “arquivos de pessoas”, para evitar ambiguidade na utilização do termo “arquivos pessoais” como equivalente a parcelas do conjunto que não fossem decorrentes da vida pública do titular, aos documentos identitários ou aos documentos que, integrantes de arquivos institucionais, contenham informações sobre pessoas (CAMARGO, 2009, p.28).

Se a teoria parece delegar aos arquivos pessoais o segundo plano, conseqüentemente, a prática, a descrição documental, ignora que estes arquivos podem ser descritos de acordo com a teoria arquivística. Por isso, constantemente os documentos acumulados por pessoas recebem um tratamento mais temático que funcional. Como aponta Camargo (2009, p.30), quando esse tipo de descrição acontece,

os documentos dos arquivos pessoais são tratados como se desfrutassem de autonomia de significado, razão por que não apenas vêm descritos individualmente como ainda se conformam a regras universais de referência (autor, título, assunto etc.). Cada documento, independentemente de sua extensão ou característica física, passa a configurar um universo cuja identificação nada deve às circunstâncias em que foi produzido, nem às relações orgânicas que mantém com outros itens do arquivo.

A autora continua para dizer que a descrição documental, segundo uma lógica arquivística,

vê as séries documentais como expressão das atividades de pessoas e organismos e nelas reconhece o estreito elo entre produtor e produtos, em primeiro lugar; entre produtos diferentes da mesma atividade, em segundo; e, por fim, entre produtos de distintas atividades do mesmo produtor. (CAMARGO, 2009, p.30)

No Brasil, o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) foi pioneiro no desenvolvimento de um método de descrição de arquivos pessoais. Este consiste, *grosso modo*, na divisão dos fundos a partir de dossiês cujos critérios de reunião estão “ligados a temas, funções e tipos documentais, dando origem a rubricas que, forçosamente, se sobrepõem, subvertendo [...] a mútua exclusão imprescindível entre as categorias” (CAMPOS, 2014, p.34), ou seja, os arquivos são organizados a partir de grandes categorias classificatórias, geralmente temáticas.

Assim, tendo isso em mente, na descrição do fundo de Guita Mindlin optou-se pela *abordagem contextual dos arquivos pessoais*, método proposto por Ana Maria de Almeida Camargo e Silvana Goulart no livro *Tempo e Circunstância: a abordagem contextual dos arquivos pessoais*. A origem do método pode ser localizada na experiência com o fundo de Plínio Salgado, no Arquivo do Município de Rio Claro (SP), descrita por Camargo (1988), e ganhou forma com a organização do arquivo do ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso.

Desse modo, o método se caracteriza pela busca do contexto de criação dos documentos, ou seja, procurar “como” e “quando” tais documentos foram produzidos, relacionando-os, assim, às “atividades, eventos e áreas de interesses do titular, explicitando a organicidade que permeia o fundo e liga um documento ao outro” (CAMPOS, 2011, p.4). De acordo com Camargo e Goulart (2007, p. 24),

O uso do método funcional, além de imperativo, demanda a identificação das atividades imediatamente responsáveis pelos documentos, patamar em que, à semelhança do que ocorre na abordagem dos documentos de instituições, é possível evitar a instabilidade e a polissemia das grandes categorias classificatórias.

Esse processo resulta, portanto, em um instrumento de pesquisa no formato de cronologia, em que os documentos são relacionados aos eventos vivenciados pelo titular do fundo.

Na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, instituição que responde pela custódia do fundo de Guita Mindlin, dois outros fundos já foram descritos seguindo a lógica

contextual: o de fundo Zila Mamede, poetisa e pesquisadora da obra de João Cabral de Melo Neto, e o fundo do bibliotecário e bibliófilo Rubens Borba de Moraes.

2 GUITA MINDLIN: FACETA DE UMA VIDA

Nascida em São Paulo, em 1916, os documentos guardados por Guita Kauffmann Mindlin refletem muito pouco sua vida pessoal: há em seu arquivo uma lacuna que vai de 1916 até 1970. Sabe-se, por informações contidas em seu currículo da década de 1990, que se formou em Direito pela Universidade de São Paulo (USP), em 1941. Os documentos presentes em seu arquivo, entretanto, datam a partir da década de 1970, quando começa a se dedicar ao estudo da conservação e do restauro de papel, profissão que exerceu pelo resto de sua vida.

Como indica Campos (2012, p.4), é natural que os documentos de um arquivo pessoal sejam selecionados pelo próprio titular, pela família ou pela instituição de custódia. Assim, o arquivo de Guita é composto basicamente por documentos referentes a sua atividade como conservadora e restauradora, incluindo sua atuação como fundadora e membro da Associação Brasileira de Encadernação e Restauro (ABER).

Isso não significa que não haja documentos representativos de outras esferas de sua vida: há fotografias, cartas trocadas com amigos e familiares e um interessante conjunto de cadernos da década de 1930 contendo recados de amigos próximos – o que gerou certa discussão em torno do tipo documental mais adequado para designá-los, definido, por fim, como “caderno de recordações”. Por outro lado, não foi possível encontrar no próprio arquivo informações básicas, tais como o ano de casamento com José Mindlin, também formado em direito pela USP e bibliófilo responsável por constituir uma volumosa biblioteca de livros raros composta de aproximadamente 120 mil livros.

A partir da década de 1970, com o crescimento da biblioteca de seu esposo e a necessidade de dar tratamento ao acervo, Guita passou a participar de cursos e palestras na área de conservação e restauro, com destaque para estágios e cursos no Museu de Arte Contemporânea da USP, no Atelier d'Arts Appliqués du Vésinet, na França e no Ateliê de Pedro Barbachano e Ana Beny, na Espanha.

Em 1988, Guita foi responsável por fundar com Thereza Brandão Teixeira, a Associação Brasileira de Encadernação e Restauro, em São Paulo. Doravante, ocupou, até 1992, o cargo de vice-diretora e, entre 1992 e 2005, o cargo de diretora dessa instituição.

Destaca-se nos documentos do arquivo, a relação da ABER com a Escola SENAI⁴ Theobaldo de Nigris, em São Paulo, onde foi ministrada, a partir de 1990, uma série de cursos na área de conservação, que fizeram da ABER um centro de referência na formação de profissionais da área em todo o país.

Guita Mindlin faleceu em junho de 2006, em São Paulo, e deixou como legado a biblioteca da qual cuidou grande parte da vida. Poucas semanas antes da morte de Guita, José Mindlin doou sua biblioteca à Universidade de São Paulo, fundando assim a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, cujo prédio foi inaugurado em 2013. Nesse mesmo ano, os documentos reunidos por Guita foram doados à Biblioteca por sua família.

O fundo de Guita pode ser visto a partir do que Ana Maria de Almeida Camargo (2009, p.28) indicou como a função dos documentos de arquivo:

O que os caracteriza é a função que desempenham no processo de desenvolvimento das atividades de uma pessoa ou um organismo (público ou privado), servindo-lhes também de prova. Instrumentos e produtos das ações de indivíduos e instituições, tais documentos continuam a representá-las mesmo quando as razões e os agentes responsáveis por sua criação se transformam ou deixam de existir. Daí a importância de que se revestem e a série de procedimentos a que estão sujeitos para que sua principal qualidade – o efeito probatório – não se perca.

3 A DESCRIÇÃO DO FUNDO

Entre 2016 e 2017, foram descritos cerca de 3734 documentos⁵, dos gêneros textual, iconográfico, sonoro e audiovisual. A descrição se deu por meio de ficha padronizada, com campos⁶ não hierarquizados; divididos em três áreas: identificação, contexto e informações adicionais, como pode ser visto no Quadro 1.

Desses campos, vale destacar a área de contexto, formada pelos campos tipo de atividade ou evento, especificação, local e data, por meio dos quais buscou-se representar a circunstância de produção do documento, ou seja, em que esfera da vida do titular do fundo o documento encontra a razão de sua acumulação.

Quadro 1 – Ficha de descrição documental

Área de identificação (descreve os	Fundo	GKM
	Notação	1.1051.15
	Tipo documental	Carta de confirmação

⁴ Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

⁵ O grupo responsável pela descrição do fundo de Guita Mindlin foi composto por José Vitor das Neves, Laiza Gomes de Souza e Pedro José de Carvalho Neto, sob orientação de Ana Maria de Almeida Camargo e José Francisco Guelfi Campos.

⁶ A definição dos campos que constituem a ficha de descrição documental pode ser encontrada em Campos (2011, p.7-8).

elementos formais do documento)	Local de produção	São Paulo (SP)
	Data de produção	20/03/1987
	Tipo de abordagem	Unitária
	Suporte	Papel
	Formato	Folha
	Gênero	Textual
	Técnica de Registro	Impressão
	Idioma	Francês
	Responsáveis	Guita Mindlin (remetente), Anne Persuy (destinatária)
	Número de folhas	1
	Número de itens	1
Área de contextualização (descreve as circunstâncias de produção/acumulação do documento)	Atividade ou evento	Estágio
	Especificação	Estágio no Atelier d'Arts Appliqués du Vesinet
	Local da atividade/evento	Vésinet (França)
	Data/período da atividade/evento	04/1987
Informações adicionais	Descritores	-
	Anexo	-

Fonte: elaborado pelos autores.

A descrição dos documentos foi realizada em uma tabela de Excel, que em certos momentos gerou dificuldades no processo⁷. Embora não seja o ideal, este *software* possibilita o preenchimento regulado dos campos a partir de vocabulário controlado⁸. Como o procedimento foi feito concomitantemente por três pessoas, foram utilizadas ferramentas que permitiram o trabalho colaborativo em uma única planilha.

Quando falamos em contexto de criação do documento, nem sempre nos referimos a um evento, como por exemplo, um curso, um estágio ou uma viagem realizada. Muitas vezes, o contexto pode estar relacionado a uma área de interesse do acumulador. No caso de Guita, grande parte dos documentos se referiam ao seu gosto pela conservação e restauro de livros e documentos, assim como pela própria história do livro, numa esfera que não se confunde com o exercício profissional. Esse fato causou certa complicação no processo de descrição, pois, inicialmente, optou-se por uma categoria geral denominada “Conservação e restauro” no campo de tipo de atividade ou evento. Ao fim da descrição, foi preciso retornar à esta grande

⁷ Como a necessidade de relacionar tabelas para obter campos de vocabulário controlado e a não homogeneidade dos campos não controlados, uma vez que o *software* não tem, por exemplo, um único modelo para datas.

⁸ Os únicos campos que não contaram com vocabulário controlado foram os de notação, data, número de folhas e itens e descritores.

categoria considerando a pergunta: quais tipos de especificações utilizar? Dessa forma, foi necessário refinar o preenchimento da ficha de descrição e muitas vezes voltar aos documentos para ponderar a respeito da pertinência das categorias contextuais empregadas, algo que evidencia um dos elementos mais instigantes da abordagem em pauta: em lugar do trabalho com categorias rígidas, o exercício de reflexão constante e a flexibilidade que devem permear o processo de descrição.

Assim, dezessete categorias foram criadas para melhor designar as possíveis especificações da área de interesse “Conservação e restauro”: acondicionamento, couro e pergaminho, douração, encadernação, equipamentos e materiais, história da escrita, história do livro, livros e acervos, manutenção de acervo pessoal, museologia, papel, pessoas e instituições, pragas e danos, processos físico-químicos, restauro, e teorias e métodos de conservação. Convém notar que tais categorias podem ser empregadas simultaneamente na contextualização do item documental quando necessário.

Uma última categoria dizia respeito aos trabalhos realizados pela titular, sendo possível destacar o restauro da obra *Marília de Dirceu* (1810)⁹, de Tomás Antônio Gonzaga, cuja primeira edição restaurada por Guita é um dos três únicos exemplares conhecidos. Esse exemplo tem interessante destaque, primeiramente pela raridade da obra restaurada e, também, pela vasta pesquisa feita pela titular a respeito da máquina reinfibradora de papel, da qual Guita foi pioneira no uso no Brasil.

A partir da ficha de descrição, de pesquisas em fontes externas e de depoimentos de pessoas que conviveram com a titular¹⁰ foi elaborada uma cronologia da vida de Guita Mindlin, onde os eventos consignados nas fichas de descrição tomaram a forma de verbetes, com enunciados mais alongados. Abaixo de cada verbebo foram remetidos os documentos acumulados em função do evento registrado, como pode ser visto no Quadro 2.

Durante a construção da cronologia, obedeceu-se à seguinte ordem: primeiramente, as atividades continuadas ao longo dos anos na vida de Guita, como filiação a entidade de classe, assinatura de periódicos, relacionamento familiar e social, entre outras. Mesmo não havendo documentos no ano em questão, elas foram mantidas para indicar a continuidade das ações ao longo do tempo. Na sequência, os eventos com data incompleta – somente o mês –, seguidos dos casos com data completa – mês e dia. Ao fim da cronologia, foram apontados os eventos

⁹ Para informações sobre o restauro da obra realizado por Guita Mindlin, ver: BBM-USP, Arquivo, documento 1.1099.3 e Mindlin (1989). A obra restaurada faz parte do acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin e também pode ser consultada presencialmente, de acordo com as normas de consulta da instituição.

¹⁰ Uma dessas pessoas é Cristina Antunes, que trabalhou com o casal Mindlin durante mais de 20 anos e que, atualmente, é curadora da BBM-USP.

sem indicação de data.

Na prática arquivística, os princípios da proveniência e da organicidade muitas vezes são entendidos como a manutenção irrestrita da suposta ordem original dos documentos. Por exemplo, no Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005), editado pelo Arquivo Nacional, o conceito de integridade arquivística é entendido como o “objetivo decorrente do princípio da proveniência que consiste em resguardar um fundo misturas com outros, de parcelamentos e de eliminações indiscriminadas. Também chamado integridade do fundo”. É preciso tomar cuidado com tal enunciado, para não confundir as ordenações física e intelectual dos documentos. Nada impede que os documentos sejam fisicamente separados (e essa separação é frequentemente necessária seja em favor da racionalização do uso do espaço nos depósitos, seja em função de necessidades especiais de armazenamento de certos suportes), desde que o elo entre eles não seja perdido no momento da descrição. É justamente o contexto originário, materializado na ficha de descrição e na cronologia que os une intelectualmente. Assim, os documentos foram separados segundo seus formatos, visando à racionalização do uso do espaço e dos materiais de acondicionamento¹¹.

Quadro 2 – Extrato selecionado da cronologia de Guita Mindlin

1987	
1	Continua a assinar o informativo Abbey Newsletter, editado em Provo (Estados Unidos).
2	Continua filiada ao The American Institute for Conservation of Historic and Artistic Works, em Washington (Estados Unidos). <ul style="list-style-type: none"> • <i>Ata de reunião</i>: 1.954.1
3	Continua filiada ao The Institute of Paper Conservation, em Londres (Reino Unido). <ul style="list-style-type: none"> • <i>Balancete</i>: 1.913.2 • <i>Cronograma de reuniões</i>: 1.910.3 • <i>Ficha de cadastro</i>: 1.912.1
4	Relaciona-se com amigos e familiares. <ul style="list-style-type: none"> • <i>Carta de confirmação</i>: 1.1190.8 • <i>Carta de encaminhamento</i>: 1.1190.9 • <i>Carta de notícias</i>: 1.1138.6

¹¹ A separação física foi feita posteriormente à descrição, já na fase de acondicionamento definitivo dos documentos, para que o contexto não fosse perdido.

5	<p>(abr.) Participa do curso “Encadernação, Douração e Marmorização”, ministrado por Annie Persuy, promovido pelo Atelier d’Arts Appliqués du Vésinet, em Vésinet (França).</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Anúncios</i>: 1.1051.12, 1.1051.13, 1.1051.16, 1.1051.17, 1.1051.19 a 1.1051.23 e 1.1248.12 • <i>Carta de pedido de concordância</i>: 1.1051.18 e 1.1228.2 • <i>Carta de pedido de informação</i>: 1.1051.11 • <i>Carta de confirmação</i>: 1.1051.14, 1.1051.15, 1.1228.3 e 1.1228.4 • <i>Prospecto</i>: 1.1248.13
6	<p>(maio) Assina o periódico Art & Métiers du Livre, editado pela Éditions Technorama, em Paris (França).</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Informativos</i>: 1.1162.1 a 1.1178.1
7	<p>(19 a 24 maio) AIC Annual Meeting e 15th Annual AIC General Business Meeting, em Vancouver (Canadá).</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Ata de reunião</i>: 1.959.2
8	<p>(set.) Participa do curso “Encadernação, restauração e douração”, no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, em São Paulo (SP).</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Certificado de participação</i>: 1.1254.5 e 1.1254.6

Fonte: elaborado pelos autores.

Como complementos da cronologia, dois tipos de índices foram produzidos: o onomástico e bibliográfico e o índice-glossário de atividades e eventos, ambos remetendo sempre à cronologia, visando a facilitar a localização de dados específicos.

Por fim, cada tipo documental ganhou uma breve descrição, feita em um glossário que também compõe o inventário do fundo. Para elaborá-lo, usamos como o glossário de tipos documentais da Fundação Instituto Fernando Henrique Cardoso e os inventários dos fundos anteriormente descritos no Arquivo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Entretanto, foi preciso criar novas definições para responder às demandas do fundo de Guita, tais como agenda de contatos, caderno de apontamentos, caderno de laboratório, caderno de recordações e instruções de preparo, este último caracterizado pela sistematização de ensinamentos para o preparo de colas e outros materiais de consumo utilizados nos processos de restauro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diferente de um fundo institucional, em que se pode definir com clareza as atividades-meio e as atividades-fim, um arquivo pessoal possui fronteiras muito delicadas e pouco definidas entre as distintas áreas de ação de um mesmo indivíduo.

Um dos principais desafios na organização do arquivo de Guita Mindlin foi a lacuna encontrada a respeito de sua vida privada e de seus relacionamentos familiares. O que normalmente se espera encontrar neste tipo de conjunto são os testemunhos da vida de cidadã da titular – documentos de identidade, diplomas, títulos, entre outros – assim como

documentos da vida privada – cartas, fotografias, bilhetes. Nesse caso em específico, os documentos testemunham muito mais o seu envolvimento com as instituições com as quais colaborou ou das quais foi gestora, dado que grande parte deles se refere ao período em que ocupou a direção da ABER.

Levando em consideração que a vida profissional e pessoal da titular esteve extremamente vinculada à manutenção da biblioteca familiar, a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin da USP aparece como um local propício para a custódia do arquivo.

Entretanto, a ausência de alguns recursos específicos para o trabalho de descrição documental – como um banco de dados e um profissional da área atuando integralmente no processo – acarretou obstáculos para o procedimento. Esses obstáculos, dentro das possibilidades da instituição, foram contornados de modo a garantir a finalidade primordial de uma instituição de custódia: o acesso aos documentos que detém sob sua guarda.

Isto posto, como indica Campos (2011, p.11), é necessária a elaboração de instrumentos de pesquisa capazes de restabelecer a conexão entre consulentes e os documentos, promovendo o elo entre as expectativas de pesquisa e o arranjo, possibilitando também que o usuário tenha uma visão geral do conteúdo do fundo por meio da cronologia e não apenas dos documentos isolados e descontextualizados.

Nesse sentido, a abordagem contextual dos documentos aparece como uma saída para o desafio de organizar um arquivo pessoal como o de Guita Mindlin, por se tratar de uma estratégia metodológica que procura relacionar os documentos entre si, de acordo com as circunstâncias que levaram à sua acumulação.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos pessoais são arquivos. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. 45, p. 26-39, 2009.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; GOULART, Silvana. *Tempo e circunstância: a abordagem contextual dos arquivos pessoais*. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2007.

CAMPOS, José Francisco Guelfi. O arquivo de Lina Bo Bardi: revisitando uma experiência. In: CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA, 5, 2012, Salvador. *Anais...*, [s.l.]: [s.n.], 2012.

_____. *Preservando a memória da ciência brasileira: os arquivos pessoais*

de professores e pesquisadores da Universidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em História Social), 251 f. – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2014.

_____. Um salto no vazio? Considerações iniciais sobre a organização e representação de arquivos. In: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 4, 2011, Londrina. *Anais...* [s.l.]: [s.n.], 2011.

MINDLIN, Guita. Reenfibragem de papel. *Edições Arquivo do Estado*, São Paulo, jan./jun. 1989.

MULLER, Samuel; FEITH, Johan; FRUIN, Robert. *Manual de arranjo e descrição de arquivos*. Trad. Manuela Adolpho Wanderley. 2 ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1973.